



IX Colóquio Internacional São Cristóvão/SE/Brasil

“Educação e Contemporaneidade” 17 a 19 de setembro de 2015

ISSN 1982-3657

CONTRIBUIÇÕES DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS PARA O ESTUDO DA SURDEZ NO CAMPO DA EDUCAÇÃO

CHRISTIANNE ROCHA GOMES

EIXO: 4. EDUCAÇÃO E INCLUSÃO

RESUMO

O presente estudo visa traçar um panorama das contribuições que a Teoria das Representações Sociais, no campo da Educação, vem propiciando para a surdez a partir do mapeamento e discussões das produções acadêmicas publicadas nos periódicos CAPES nos últimos cinco anos. Os resultados mostraram que o número de publicação é bastante escasso e os trabalhos se concentram no campo da Educação. As publicações privilegiaram estudos sobre a Libras, mostrando a importância desta língua para a constituição da identidade do surdo, contribuindo assim, para o fortalecimento desta identidade e para a difusão da Libras. Portanto, as reflexões propiciadas pelo presente estudo devem servi de base para futuras pesquisas e especialmente para a disseminação de conhecimentos e para a inclusão do surdo.

Palavras-chaves: Representações Sociais; Surdez; Educação;

ABSTRACT

This study aims to give an overview of the contributions to the theory of social representations in the field of Education, has been providing for deafness from mapping and discussing the academic production published in CAPES journals over the past five years. The results showed that the number of publication is quite scarce and jobs are concentrated in the education field. Publications favored studies on the pounds, showing the importance of this language to the constitution of the deaf identity, thus contributing to the strengthening of this identity and the dissemination of pounds. Therefore, the reflections offered by this study should serve as a basis for future research and especially for the dissemination of knowledge and the inclusion of the deaf.

Keywords: Social representations; deafness; Education;

O presente estudo visa traçar um panorama das contribuições que a Teoria das Representações Sociais, no campo da Educação, vem propiciando para a surdez. Trata-se de uma pesquisa bibliográfica e foi realizada diante da necessidade de mapear e discutir as produções acadêmicas que abordam as representações sociais e surdez, publicadas por programas de pós-graduação nos periódicos científicos nacionais (CAPES) nos últimos cinco anos, visando identificar como essa abordagem teórica tem contribuído, no campo da educação, para os estudos relacionados a surdez. Este estudo tem um caráter descritivo, destacando os aspectos negligenciados ou privilegiados na produção científica, objetivando organizar e gerar bases de dados para futuras pesquisas.

Sabemos que existe um vasto repertório de pesquisas no campo das representações sociais nas mais diversas áreas do saber. Essa teoria chegou ao Brasil na década de 80, inicialmente encontrou resistências, mas hoje é bem difundida, amplamente investigada pelas diversas áreas e em plena expansão no Brasil. Isto porque a sua base teórica permite uma compreensão e explicação aprofundada dos fenômenos sociais (Almeida, 2009). No entanto, ao relacionarmos a temática representações sociais e surdez ainda encontramos uma produção escassa de trabalhos acadêmicos, havendo uma concentração desses trabalhos no campo da Educação. Este fato, nos motivou a identificar as contribuições das pesquisas em Educação que abordam representações sociais e surdez a partir de estudos publicados em periódicos nacionais.

Para tanto, realizamos uma pesquisa bibliográfica no periódico científico nacional CAPES por meio de uma busca computadorizada (<http://periodicos.capes.gov.br>) onde utilizamos na busca avançada os termos: “representações sociais and surdo”; “representações sociais and surdez”. Para o presente estudo foram consultados todos os tipos de publicações (artigo, dissertações, teses, dentre outras) dos últimos cinco anos (2010 – 2015). Como resultado encontramos 4 trabalhos publicadas, sendo eles, 3 dissertações e 1 artigo, conforme a **Tabela 1**.

Os documentos selecionados foram lidos e analisados buscando-se identificar quais as contribuições das representações sociais para a surdez no campo da Educação.

Tabela 1: Publicações selecionadas para análise

ANO	ÁREA	PÓS GRADUAÇÃO	TÍTULO	AUTOR (ES)
2011	Comunicação e Informação	Artigo	Representações da surdez no Jornal Visual Minas	FIGUEIREDO, Ivan Vasconcelos
2012	Educação	Mestrado	Representação social da Libras por sujeitos Surdos bilíngues	CASTRO, Mariana Gonçalves Ferreira de
2011	Educação	Mestrado	Representações Sociais dos participantes do curso de Letras-Libras/EAD sobre os surdos	COSTA, Simone de Fatima Saldanha Carneiro
2011	Educação	Mestrado	Surdez e inserção profissional: representações sociais de universitários surdos.	MAGALDI, José Carlos Miraglia

REPRESENTAÇÕES SOCIAIS

O estudo das representações sociais foi originalmente desenvolvido na Psicologia Social. Tal estudo se insinuava como uma resposta aos problemas da vida cotidiana e o papel do pesquisador era investigar essas questões. Sendo assim, a abordagem e a realização de pesquisas sobre representações sociais podem ser consideradas ingredientes indispensáveis para a melhor compreensão da sociedade (FRANCO, 2004; ALMEIDA, 2009).

As representações sociais constituem-se de elementos simbólicos que os homens expressam mediante o uso de palavras e de gestos. Essas mensagens, mediadas pela linguagem, são construídas socialmente e estão ancoradas no âmbito da situação real e concreta dos indivíduos que as emitem. Dessa forma, as representações sociais são historicamente construídas e estão estreitamente vinculadas aos diferentes grupos socioeconômicos, culturais e étnicos que as expressam por meio de mensagens, e que se refletem nos diferentes atos e nas diversificadas práticas sociais (FRANCO, 2004).

Por serem historicamente e socialmente construídas, as representações sociais estão extremamente arraigadas nos discursos da sociedade, sendo encaradas como “verdades absolutas”. O que levam as pessoas a naturalizarem, tomarem como padrão e reproduzirem tais discursos sem refletir e questionar sobre eles.

Vale ressaltar que na maioria das vezes, as representações sociais, refletindo o senso comum, são divulgadas pelos diferentes meios de comunicação e, conseqüentemente, absorvidas, sem uma reflexão mais crítica no que concerne aos fundamentos reais, concretos, históricos, científicos e teóricos que as embasam. Mas, para atingir essa reflexão mais crítica, é preciso que se efetue um sólido e consistente trabalho no sentido do desenvolvimento da consciência (FRANCO, 2004).

REPRESENTAÇÕES SOCIAIS E SURDEZ

Quando enveredamos pelo campo da surdez averiguamos que a inclusão social dos surdos é permeada por representações sociais, isto é, conceitos, valores compartilhados por grupos e que regem as condutas desejáveis numa sociedade. Moscovici enfatiza que as representações sociais não são apenas “opiniões sobre” ou “imagens de”, mas teorias coletivas sobre o real.

Destacamos que na antiguidade, os ouvintes consideravam que os surdos não eram seres humanos competentes. Isto porque acreditavam que o pensamento não podia se desenvolver sem linguagem e que esta não se desenvolvia sem fala. Uma vez que a fala não se desenvolvia sem a audição, quem não ouvia não falava e não pensava, não podendo receber ensinamento e, portanto, aprender. Assim, os surdos eram tidos como incapazes de gerenciar os seus atos, perdiam a sua condição de ser humano e eram confundidos como retardados (MOURA, 2000).

Um evento marcante que reforça tal representação foi o Congresso de Milão, realizado em 1880, cujo interesse era reafirmar a necessidade de substituição da Língua de Sinais pela língua oral nacional. As resoluções do Congresso consideraram: 1) a fala como algo superior aos sinais para reintegrar o surdos a vida social e para proporcionar maior facilidade de linguagem; 2) que o método de articulação deve ter preferência sobre o de sinais na instituição; 3) e que o método oral puro deve ser preferido porque o uso simultâneo de sinais e fala prejudica a fala, a leitura orofacial e a precisão das ideias. Após o Congresso de Milão o conceito de Surdo passou a ser compreendido como deficiente, defendido pelo modelo médico que é a favor da oralização, e descaracteriza o Surdo como diferente e o caracteriza como anormal que deverá ser tratado e curado a qualquer preço e na falha do “tratamento”, o paciente carregaria toda a culpa de não responder aquilo que era esperado dele (ibid, 2000).

Dessa forma, predomina na ciência moderna o paradigma biomédico e a surdez passa a ser vista sob o ponto de vista orgânico-biológico, classificada em diferentes graus de (in) capacidade de audição. As pessoas surdas passam a ser denominadas deficientes auditivas e representadas como deficientes. Consolida-se uma perspectiva oralista que considera a fala superior a qualquer outra forma de comunicação, tal como a língua dos sinais (NÓBREGA & COLAB., 2012).

Na década de 1960, os estudos culturais trouxeram à tona a discussão sobre o processo de construção cultural das identidades. Identificaram a existência de diversas comunidades surdas com representações e identidades diversificadas sobre a surdez no seio da sociedade. E acreditavam que essas identidades múltiplas dependem das vivências sociais de seus membros, propondo um discurso da surdez fundado na diferença cultural e linguística, como seria o caso do uso da língua dos sinais na socialização do surdo (ibid, 2012).

Percebe-se que como um jogo de ressignificações, avanços e retrocessos, a história da surdez foi marcada pela alternância entre o modelo clínico-terapêutico e sócio antropológico. O primeiro foca na deficiência, na perda, na ausência, na normatização e compreende que este sujeito precisa ser enquadrado num padrão “normal” da maioria da população que é o ouvintismo. O segundo foca no reconhecimento e respeito das diferenças e reconhece a Libras como a língua matriz do surdo e que contribui para seu desenvolvimento.

Atualmente, percebemos o quanto essas oscilações de concepções que deram origem a diversas representações sócias da surdez repercutem nas posturas e visões que a nossa sociedade possui em relação ao surdo. Sabemos que, quando estas Representações do surdo são permeadas de aspectos negativos, focada na deficiência e não na diferença, acaba estigmatizando o sujeito como um ser inferior e incapaz, inviabilizando o desenvolvimento das suas potencialidades

Advertimos que infelizmente Políticas públicas voltadas ao surdo no Brasil fundamentam-se na perspectiva biomédica ou clínico-terapêutica de inclusão do surdo na sociedade ouvinte a partir da disponibilidade de aparelhos auditivos e outras práticas de oralização (tecnologias auditivas corretivas, como implante coclear). Essa perspectiva, valorizada pela sociedade ouvinte, é considerada um retrocesso nas lutas dos surdos, contribuindo para a negação do seu ser no mundo e da sua identidade surda (NÓBREGA et al., 2012).

Sabemos que o desenvolvimento da identidade do surdo contribui para a constituição de uma representação social positiva dele. No entanto, a identidade surda vem se desenvolvendo dentro de contextos e ambientes socioculturais que criam, ampliam e reforçam estereótipos e preconceitos a respeito da deficiência auditiva, dessa forma, encorajam processos e modos particulares de acomodação e ou aceitação do status de sujeitos surdos. Esses preconceitos constroem, desconstroem e ou influenciam, em última instância, a evolução de sua identidade e, em consequência, seu bem-estar, auto-estima e autoconceito (MERCIA,2011).

Ressaltamos que a surdez deve ser vista como um modo de ser, cotidianamente construído, a partir das experiências-vivências de interação visual com a natureza e a sociedade, assumindo caráter identitário particular, afirmado em componentes culturais (ser surdo) e linguísticos (libras). Dessa forma, deve-se considerar que os surdos possuem uma identidade própria, ou seja, a identidade surda, eles não se veem enquanto deficientes, não estão ancorados na perda da audição e entendem que podem utilizar a comunicação visual por meio da Língua Brasileira dos

Sinais – LIBRAS (NÓBREGA et al., 2012).

Portanto, torna-se salutar compreender as representações sociais construídas socialmente pelos diversos grupos em relação ao sujeito surdo para dessa forma ressignificá-las; assim como, ampliar o campo de estudos e pesquisas que abordam tais temáticas visando disseminar conhecimentos e informações para a comunidade e, conseqüentemente, gerar (re) formulações de ações e concepções sobre a surdez.

TEORIA DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS E SURDEZ A PARTIR DOS TRABALHOS NO CAMPO DA EDUCAÇÃO

A partir das pesquisas no periódico nacional CAPES, constatamos um número limitado de trabalhos publicados nos últimos cinco anos que abordam a temática Representações Sociais e surdez, e que tais trabalhos se concentram na área da Educação conforme a **Tabela 1**. Em seguida apresentaremos as principais contribuições desses estudos.

A pesquisa de Figueiredo (2011), buscou analisar as representações sociais da surdez no Jornal Visual Minas, da Rede Minas de Televisão sobre o discurso, entendido como prática social, o que implica em relações de poder. Compreende que a surdez, antes de ser uma questão biológica, social ou política, é um campo discursivo, em que se confrontam valores, crenças e ideologias, um território perpassado por diversas e distintas representações sociais. Este estudo constatou que as representações sociais sobre a surdez são criadas e legitimadas a partir da apresentação de notícias que incorporam e reproduzem à visão médico-terapêutica, podendo propiciar práticas de controle social e de manutenção de determinados padrões da ordem, como a necessidade de normalização dos sujeitos surdos, fortalecendo o posicionamento da surdez encarada ainda como doença.

O estudo de Magaldi (2011) investigou as representações sociais de universitários surdos que estudam no Instituto Nacional de Educação de Surdos - INES no Rio de Janeiro sobre inserção profissional, destacando suas relações sociais no trabalho. A partir dos relatos pode-se observar que, pelo fato do quantitativo de surdos trabalhadores nas empresas ser muito pequeno em relação aos demais trabalhadores ouvintes, os sujeitos da pesquisa representam a inserção profissional de surdos como um “grupo ilhado” dentro da empresa, “à margem” da comunicação e participação com os ouvintes, sendo tratados em sua maioria como “robôs” nos trabalhos de servente e auxiliar. Se sentem desta maneira vítimas de “invisibilidade pública” no local de trabalho. Para mudar esse cenário que desfavorece a inclusão destaca que é preciso que os surdos divulguem o conhecimento produzido, para dar visibilidade de suas posições ao conjunto da sociedade civil, enfatizando a necessidade de ampliação do espaço de poder e decisão da pessoa surda nas questões que lhe dizem respeito. Outra importante medida expressa diz respeito a dar visibilidade social às reivindicações do grupo nos movimentos sociais e artísticos de surdos direcionados ao grande público: espetáculos de teatro, televisão, cinema, publicidade, esporte.

Já Costa (2011) investigou as representações sociais dos professores tutores e/ou interpretes do curso Letras-Libras/EAD do polo UNB sobre os surdos, assim como, a representações sociais dos alunos surdos sobre si mesmo e buscou analisar as implicações dessas representações na aprendizagem do surdo. Constatou que as representações sociais interferem nas ações e propostas pedagógicas desenvolvidas na educação dos surdos. A forma como professore-tutor e/ou interprete representa o surdo contribuem para que os surdos elaborem novas representações sobre si mesmo. Portanto, as representações sociais que temos sobre a capacidade de aprendizado da pessoa surda move as nossas ações. Dessa forma, torna-se primordial refletir sobre as representações visto que elas não são rígidas e imutáveis, podendo ser transformadas.

Pensar em educação do surdo não é só pensar em colocá-lo na sala de aula com interprete, mas antes de tudo, pensar em proporcioná-lo o aprendizado da Libras e da língua portuguesa como segunda língua para que ele possa ter segurança e autonomia no seu processo de aprendizagem. Dessa forma, a educação bilíngue para os surdos mostra-se como o melhor caminho que conduz o aluno surdo como agente de aprendizagem e como cidadão consciente, pois fornece-lhe língua, identidade e cultura (COSTA, 2011).

Por fim, o estudo de Castro (2012) teve como foco as representações sociais da Libras por sujeitos surdos bilíngues buscando conhecer a importância atribuída a essa língua por esses sujeitos na construção de uma identidade própria positiva. A Libras apresenta uma forte representação social — a identidade do sujeito — na comunidade surda; e favorece o desenvolvimento do pensamento e dá a liberdade social e emocional do surdo, constitui assim a identidade positiva da pessoa surda.

Os surdos atribuem grande importância social ao domínio da Libras como fator de cidadania, uma vez que ele é

essencial à própria formação da “comunidade surda” e modifica sua auto percepção identitária. Dessa forma atribuem um valor positivo ao modelo da educação bilíngue que considera a Libras como primeira língua, entretanto, as escolas estão longe de praticar o bilinguismo de forma eficaz e o ensino acaba sendo precário. Portanto, incluir a pessoa surda ainda é um desafio. O estudo mostra que a presença do interprete na escola não satisfaz a necessidade do surdo de constituir a sua identidade surda. Eles ainda não conseguem circular livremente na comunidade escolar e muito menos na sociedade em geral. Eles reivindicam primeiramente não pelo cumprimento da legislação com a disponibilização de intérpretes, mas, sim, o ensino e o uso obrigatório de Libras para os ouvintes, para que assim possam ser reconhecidos e valorizados (CASTRO, 2012).

Vale ressaltar que embora a Libras tenha sido criada pela Lei Federal 10.436/ 2002, regulamentada pelo Decreto nº 5.626/ 2005 e instituído o Dia Nacional da LIBRAS pela Lei nº 13.055/2014, na prática ainda precisamos avançar muito para a efetivação, reconhecimento, disseminação e valorização desta língua e na nossa sociedade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo deste estudo foi traçar um panorama das contribuições que a Teoria das Representações Sociais, no campo da Educação, vem propiciando para a surdez a partir de publicações encontradas no periódico nacional CAPES. Vale ressaltar que apesar de pesquisadores (ALMEIDA, 2009) constatarem que a Teoria das Representações Sociais atualmente é uma teoria bem difundida, amplamente investigada pelas diversas áreas e em plena expansão no Brasil, constatamos que no que se refere as pesquisas das representações sociais no campo da surdez os números de publicações são bastante escassos, pois apenas 4 estudos foram publicados nos últimos cinco anos nos periódicos CAPES. Destacamos, que a realização de pesquisas sobre representações sociais pode ser considerada ingrediente indispensável para a melhor compreensão da sociedade (Franco, 2004; Almeida, 2009).

Outro ponto a sobressair é que as publicações estão concentradas nos programas de pós-graduação em Educação. Observamos que esta área vem levantando reflexões e trazendo contribuições sobre representação social e surdez ao longo da história. É a partir de estudos que podemos (re) significar tais representações negativas sobre a surdez na sociedade e, assim, possamos incluir realmente estes sujeitos surdos e possibilitar o desenvolvimento das suas potencialidades.

No entanto sabemos que cada campo do saber tem as suas limitações e apesar das ricas contribuições que a Educação vem disseminando, compreendemos que outros campos têm muito a colaborar com tais estudos a exemplo da Psicologia que, enquanto ciência comprometida com questões sociais, poderia estar conscientizando pessoas e grupos, visando desenvolver um saber crítico sobre si e sobre sua realidade, podendo ser propulsora de mudanças na sociedade. Franco (2004) chama atenção para o fato de o estudo das representações sociais não tem sido suficientemente explorado por grande parte dos educadores e tampouco pelos teóricos da psicologia tradicional.

Constatamos que os estudos analisados privilegiaram estudos sobre a Libras, mostrando a importância desta língua para a constituição da identidade do surdo. Mostraram também a necessidade de disseminação, reconhecimento, valorização da Libras por parte da sociedade em geral, destacando que para isso seria importante os ouvintes aprenderem esta língua. Dessa forma, os trabalhos seguiram o modelo sócio antropológico que reconhece e respeita as diferenças, concebendo a Libras como a língua matriz do surdo, contribuindo assim para o fortalecimento da identidade surda e da difusão da Libras.

Esses estudos chamam atenção para o fato de todos os profissionais, não somente os professores, que atuam direta e indiretamente com o estudante surdo, precisam refletir sobre suas representações e pensar sobre as diversas possibilidades de aprendizagem do Surdo. Destacamos que é preciso uma reflexão mais crítica no que concerne aos fundamentos reais, concretos, históricos, científicos e teóricos que embasam as representações sociais. Portanto, é importante explorarmos mais esse território para que a partir daí possamos estimular a reflexão de professores e pesquisadores sobre as possibilidades oferecidas por esse campo de estudos para a compreensão dos sistemas simbólicos que, atuando nos níveis grupal e macrossocial, interferem nas interações cotidianas na escola e que possam vir a contribuir com a produção do “fracasso escolar” (Franco, 2004; Mazzotti, 2008)

Observamos que as pesquisas e os discursos da sociedade estão permeados de representações sociais negativas em relação a surdez, como por exemplo: “normalização do sujeito surdo”, “surdo como deficiente”, “surdez como doença”. Portanto, por mais que tenhamos avançados nas concepções e utilizemos o discurso da inclusão, da aceitação da diferença, na prática verificamos que estas representações negativas ainda estão presente no nosso dia a dia. Logo, precisamos reverter tal realidade, pois as representações sociais que a sociedade tem sobre os surdos movem nossas ações e vão interferir na forma como os surdos vão criar as representações sobre si mesmo.

Notamos que os preconceitos constroem, desconstroem e ou influenciam, em última instância, a evolução da identidade

do surdo e, em consequência, seu bem-estar, auto-estima e autoconceito (Mercia,2011).

Devemos buscar desenvolver mais pesquisas no campo da representação social e surdez para (re) significarmos as representações sociais negativas em relação aos sujeitos surdos e assim viabilizam o desenvolvimento das suas potencialidades e conseqüentemente a sua inclusão social enquanto cidadão. E dessa forma suscitará contribuições para a comunidade surda e sociedade como um todo, podendo servir de base para a elaboração de políticas públicas e intervenções, pois é no encontro com a diferença, com a diversidade que os indivíduos constroem saberes, para posteriores mudanças e para o desenvolvimento de conhecimento e entendimento.

Por fim compreendemos que este estudo não se esgotando por aqui, estas reflexões devem servi de base para futuras pesquisas e especialmente para a disseminação de conhecimentos e informações sobre a surdez para assim gerar (re) formulações de ações e concepções sobre a surdez

ALMEIDA, M. O. **Abordagem societal das representações sociais**. Sociedade e Estado, v. 24, n. 3, p. 713-737, 2009.

BISOL, C. A., SIMIONI, J. & SPERB, T. **Contribuições da Psicologia Brasileira para o Estudo da Surdez**. Psicologia: Reflexão e Crítica, 21 (3), p. 392-400, 2008.

CASTRO, Mariana Goncalves Ferreira de. **Representação social da LIBRAS por sujeitos surdos bilíngues**. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estácio de Sá - Rio de Janeiro, 120f, 2012.

COSTA, Simone de Fatima Saldanha Carneiro. **Representações Sociais dos participantes do curso de Letras-Libras/EAD sobre os surdos**. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade de Brasília – DF, 134f, 2011.

FIGUEIREDO, Ivan Vasconcelos. **Representações da surdez no jornal visual minas**. Intexto, Porto Alegre: UFRGS, v. 1, n. 24, p. 89-102, janeiro/junho, 2011.

FRANCO, Maria Laura Puglisi Barbosa. **Representações sociais, ideologia e desenvolvimento da consciência**. Cadernos de Pesquisa, v. 34, n. 121, jan./abr., 2004.

MAGALDI, José Carlos Miraglia. **Surdez e Inserção Profissional: representações sociais de universitários surdos**. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estácio de Sá – Rio de Janeiro, 90f., 2011.

MOURA, Maria Cecília de. **O surdo: caminhos para uma nova identidade**. Rio de Janeiro: Revinter, 2000. 152 p., 2000.

NÓBREGA, J.D, ANDRADE, A.B, PONTES, R.J.S, BOSI, M.L.M & MACHADO, M.M.T. **Identidade surda e intervenções em saúde na perspectiva de uma comunidade usuária de língua de sinais**. Revista *Ciênc. saúde coletiva* [online]. 2012, vol.17, n.3, pp. 671-679, 2012. ISSN 1413-8123. Recuperado de: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-81232012000300013&script=sci_arttext

Christianne Rocha Gomes (autor)

Mestranda em Psicologia Social pela Universidade Federal de Sergipe. Graduada em Psicologia pela UFS (2006). Especialização em Psicologia Conjugal e Familiar pela Faculdade de Sergipe (2009). Especialização em Psicologia de Trânsito pela Faculdade Pio Décimo (2011). christiannerg@hotmail.com

Recebido em: 05/07/2015

Aprovado em: 06/07/2015

Editor Responsável: Veleida Anahi / Bernard Charlort

Metodo de Avaliação: Double Blind Review

E-ISSN:1982-3657

Doi: